

A posição ético-política da escuta-flânerie e a cena ética em Butler

Rose Gurski
Dieine Mércia de Oliveira

Ao longo dos últimos anos, temos nos dedicado à construção de dispositivos clínicos de escuta no campo social. No caminho dessa construção, consideramos as condições sociopolíticas dos sujeitos com os quais trabalhamos, sem negligenciar o rigor dos fundamentos psicanalíticos, assim como os aspectos éticos e políticos ligados à realidade social brasileira. Desse modo, após um tempo de escuta dos adolescentes da socioeducação, passamos a escutar os trabalhadores da socioeducação, colhendo as experiências no calor dos acontecimentos e dos conflitos cotidianos. Tal espaço de escuta foi inicialmente chamado de “posto móvel de escuta” e, posteriormente, passou a ser denominado “escuta-*flânerie*” (Pires; Gurski, 2020).

Entendemos a escuta-*flânerie* (Gurski, 2019a, 2020; Pires; Gurski, 2020) como um dispositivo de pesquisa-intervenção que se forja a partir do encontro da ética psicanalítica com os fundamentos ético-metodológicos do tema do *flâneur*, em Walter Benjamin (Benjamin, 1989). Mediante nossas experiências, a escuta-*flânerie* pode ser pensada como um modo de construir uma posição de escuta para o pesquisador-psicanalista no campo social. Por meio desse dispositivo, assumimos um caráter subversivo e não convencional de escuta, enquanto uma alternativa às pesquisas e às intervenções psicanalíticas na pólis.

Um dos teóricos que tem nos acompanhado nessa construção metodológica é o filósofo e ensaísta alemão Walter Benjamin. Benjamin trabalha com a figura do *flâneur* a partir das produções do poeta francês Charles Baudelaire. Identificamos na proposição do *flâneur* de andar a esmo uma cadência diferente das condições de aceleração, tão presentes nas grandes cidades europeias do século XIX. Tais condições se referem a uma temporalidade que aponta para a possibilidade de experimentar **cenas, lugares e pessoas** que poderiam passar despercebidos e silenciados em meio à velocidade cotidiana já naquela época.

Aproximamos a posição do *flâneur* da escuta do analista que, diante da narrativa de um paciente, pela via da atenção flutuante, escuta a dimensão infraordinária das falas enunciadas pelo paciente (Gurski, 2014; Gurski, 2019a; Gurski; Silva, 2018). Nessa direção, compreendemos que o dispositivo da escuta-*flânerie* introduz uma posição possível para a escuta do analista fora do consultório, neste caso, na instituição socioeducativa. Trata-se de pensar na escuta como uma possibilidade que arma condições para a circulação da palavra e para a transmissão das experiências vividas e, muitas vezes, silenciadas nas instituições.

Nesse trajeto, encontramos-nos com os textos de filosofia crítica e política de Judith Butler. Ainda que as análises críticas de Butler sejam tecidas nas premissas do campo da filosofia, há uma interessante interlocução com a psicanálise, na perspectiva de que esta se alinhe às teorias culturais e políticas de um modo geral (Butler, 2010).

Assim, propomos, pela via desse enlace, uma ligação entre as formas de escuta psicanalítica no laço social e a cena ética apresentada por Butler. Consideramos relevante dialogar com o conceito de *cena ética*

por ele evocar a implicação social e política que existe a partir de uma tomada de posição na escuta do sujeito singular. Também traremos para este debate o conceito de *dimensão sociopolítica do sofrimento*, cunhado por Rosa (2016). Conforme diz Rosa (2016, p. 70), é necessário “despotencializar a violência para retomar o lugar do sujeito na cena”.

A ideia de propormos um encontro entre as concepções de escuta-*flânerie*, da cena ética e da dimensão sociopolítica do sofrimento sustenta-se por percebermos, na origem desses conceitos, caminhos para um debate complexo e construtivo no que se refere ao atravessamento sociopolítico do sofrimento psíquico no laço social. Assim, conforme aponta Rosa (2016), como pesquisadores-psicanalistas, precisamos sustentar nossa escolha psicanalítica-política como uma estratégia não apenas de reflexão e produção de conhecimento, mas a partir de intervenções na esfera pública, social e crítica.

Gurski (2020) sugere que, na escuta-*flânerie*, trata-se de construir-mos, através dos diferentes espaços de escuta do sujeito, uma cena ética. A psicanalista articula a noção de Butler com as condições de narratividade de si, evocadas também pela posição do pesquisador-psicanalista na escuta-*flânerie*. A cena ética, ao estimular a narração de si, produz condições para que o sujeito encontre modos de se fazer representar desde suas próprias significações e palavras no dia a dia institucional. Além disso, a escuta-*flânerie* abre a possibilidade de o sujeito se responsabilizar de outro modo pelo que se apresenta como problemático no cotidiano da instituição, mesmo que a escuta ocorra em um espaço coletivo.

Butler ([2005] 2015), por meio de suas proposições e conceitos, busca tensionar os fatos sociais, apontando para a importância da ação

no campo da política. Ela produz um movimento próximo ao que a escuta-*flânerie* desdobra acerca da dimensão sociopolítica do sofrimento como reconhecimento das invisibilidades e precariedades.

O encontro com a cena ética em Butler e a escuta da dimensão sociopolítica do sofrimento

A cena ética é trabalhada por Butler (2015) no livro *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Nele, a autora discorre sobre as questões relacionadas ao tema da ética, da responsabilidade e do reconhecimento do outro. Um dos principais argumentos da filósofa para sustentar seu posicionamento ético se dá mediante a discussão acerca do reconhecimento. Ela questiona as exigências normativas, sublinhando que todo sujeito tem direito à alteridade, opondo-se nitidamente à demanda imposta pelos padrões de normatividade.

Butler (2015, p. 34) nos ajuda a reconhecer que a ética aparece, especialmente, “onde nos encontramos, por assim dizer, nos limites do que conhecemos, mas ainda nos é exigido dar e receber reconhecimento”. Para a autora, sustentar um compromisso ético exige arriscar a travessia de fronteiras, de modo a nos desapossarmos dos padrões preestabelecidos. Nesse sentido, Kehl (2016), no prefácio do livro *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*, refere que Rosa investe em uma psicanálise “implicada”, ou seja, uma prática que sustenta a interlocução com a política e suas relações com a cultura quando propõe o desafio de pensar em formas não convencionais de intervenção. Desse modo, entendemos eticamente que o “campo da ‘escuta’ psicanalítica é muito mais vasto do que o dos consultórios particulares” (Kehl, 2016, p. 11), pois “a ética

certamente não pressupõe apenas a retórica e a análise do modo de interpelação, mas também a crítica social” (Butler, 2015, p. 170). É por meio dessa posição que Butler constrói uma teoria do sujeito na cultura que auxilia a criação de ações na esfera das políticas públicas e dos movimentos sociais.

Percebemos que a preocupação ética de Butler se assemelha ao que a escuta-*flânerie* tem sustentado em seu modo de intervir, “implicados, obrigados, derivados, sustentados por um mundo social além de nós e anterior a nós” (Butler, 2015, p. 87). Mediante a intervenção, temos como compromisso ético-político possibilitar novas formas da palavra **singular** aparecer em sua dimensão **coletiva** na instituição, indagando, sobretudo, os atravessamentos sociopolíticos por meio da escuta.

O caráter metodológico da escuta-*flânerie* proporciona esse movimento de escutar os fragmentos, os detalhes, possibilitando ouvir o que a teoria ainda não disse (Gurski, 2019b). Seguindo tal lógica, Betts (2014) comenta que a função da psicanálise em extensão – aquela que intervém na cidade e em suas instituições, quer dizer, em espaços que não somente o consultório do analista – seria a de presentificar a psicanálise no mundo, tendo em vista a especificidade dos sujeitos e as vicissitudes de suas demandas em contextos de exclusão e indiferença. Para que tal função seja evidenciada e de fato encarnada pelos operadores da psicanálise,¹ é preciso que as intervenções aconteçam de várias formas e, sobretudo, em diversos campos, desde o singular até o social, mirando a criação de um desejo comum. Temos ocupado essa posição com a escuta-*flânerie* não apenas quando realizamos

1 A expressão “operadores da psicanálise” é usada por Betts (2014) no texto “Desamparo e vulnerabilidade no laço social – a função do psicanalista”, publicado na *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*.

a intervenção na instituição, mas quando buscamos dialogar com outros campos de saberes, isto é, implicando-nos com um comum que se preocupa em fazer laço pela via do saber da experiência e de seus atravessamentos políticos contemporâneos.

De acordo com Butler (2015), o sujeito não pode narrar a si mesmo sem se responsabilizar pelas suas ações; ou seja, essa responsabilização não isenta as condições culturais nas quais está inserido. Nesse sentido, o ato de narrar e falar de si é um processo infundável, associado à própria noção de incompletude. A autora ainda acrescenta:

Não somos simples díades independentes, uma vez que nossa troca é condicionada e mediada pela linguagem, pelas convenções, pela sedimentação das normas que são de caráter social e que excedem a perspectiva daqueles envolvidos na troca (Butler, 2015, p. 35).

Estas questões trazidas por Butler nos levam a interrogar justamente se podemos tomar a escuta-*flânerie* como uma escuta passível de criar uma cena ética. Gurski (2021) comenta que a partir do pressuposto do inconsciente não há fixidez de sentidos, tudo se encontra em constante movimento. Essa menção nos direciona a outro escrito de Gurski (2019a), no qual a pesquisadora trabalha a fita de *moebius*, figura topológica presente no ensino de Jacques Lacan, “cuja continuidade entre as faces interna e externa revela aquilo que Freud [...] sinalizou: toda psicologia do sujeito é também do social” (Gurski, 2019a, p. 169). Assim, considerando as transformações de ordem histórica e suas afetações, trazemos uma cena da escuta-*flânerie* que pode ser pensada em conjugação com a construção de uma cena ética e suas possibilidades de intervenção.

Certo dia, ao chegarmos na instituição, nos encaminhamos para a sala das chefias de equipe, lugar em que habitualmente ficam os pertences. Logo, os meninos que se encontram em Internação Provisória começam a se movimentar para ir à escola que fica no subsolo do local; descem a escada que fica em frente à porta da sala em que estávamos na companhia de dois agentes. Um desses agentes, ao observar um adolescente passar, percebe em seu rosto que “algo não estava legal” e o chama. O socioeducador pergunta o que aconteceu e o adolescente responde “tô com raiva, seu”;² e uma lágrima escorre dos seus olhos. Esse agente diz “não desce para a escola agora, porque senão tu vai te atrapalhar”, e convida Antônio³ para ir até a sala, oferece um copo de água com a intenção de acalmá-lo e inicia uma conversa com o mesmo (Diário de Experiência da pesquisadora, outubro de 2019).⁴

Na situação transferencial, fixadas por essa lágrima que escorria, lágrima olhada por um outro, e, portanto, legitimada para Antônio, indagamos se acaso esse gesto não faz parte da construção do que Butler denomina de cena ética. Tal provocação nos levou a refletir sobre a possibilidade de aquela lágrima ter sido “escutada” pelo socioeducador. Será que a própria cena operou um compromisso e uma responsabilidade com o outro?

2 “Seu” é a maneira como os adolescentes se referem aos adultos na instituição socioeducativa.

3 Nome fictício adotado a fim de garantir o anonimato dos jovens que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade na instituição em que realizamos a pesquisa-intervenção.

4 Cf. GURSKI, 2018, 2019a.

Rosa (2016) comenta que o silêncio é algo frequente nos sujeitos que se deparam com a figura do Outro,⁵ fruto de uma perda de laço identificatório com o semelhante, especialmente porque a desimplicação na relação com o outro, sobretudo a violenta, produz um *sem-lugar* no discurso social, impossibilitando a construção de uma demanda dirigida a um outro. Por meio de nossas pesquisas e intervenções, temos nos ocupado em “recuperar um lugar de enunciação” (Rosa, 2016, p. 127) para aqueles que são vistos como elementos marginalizados e despolitizados. Ao propormos um arranjo entre aspectos psicanalíticos e a teoria crítica e política de Butler, precisamos levantar especificações e aproximações que dão corpo às problematizações que vêm sendo colocadas até o momento.

Tanto a psicanálise como as construções de Butler (2015) suspendem o juízo do ponto de vista moral, apoiando-se em um projeto ético que realiza uma crítica vigorosa à normalização e à regulação social. Butler trabalha a partir dos operadores da filosofia, enquanto a psicanálise opera sua crítica social por meio da escuta das manifestações do inconsciente no plano singular e coletivo. Desde a psicanálise, sabemos que para poder escutar o sujeito e seus restos inconscientes é preciso que ele esteja em posição de analista, ou seja, esteja operando desde sua *falta-a-ser*. Compete ao psicanalista não responder à demanda com seu ser, mas com aquilo que ele verdadeiramente é, um sujeito faltante (Lacan, [1958] 1998). Portanto, a dimensão da falta evidenciada na psicanálise é diferente das questões evocadas

5 Lacan, em sua obra, concebeu algumas articulações a respeito da noção de Outro (A), em francês, *Autre*. Uma dessas formulações se refere ao (grande) Outro como campo de alteridade radical que se apresenta ao (pequeno) outro (a), nosso semelhante, àquele com quem mantemos uma relação de identificação mediante o imaginário (Lacan, [1954-1955] 1985). Nessa lógica, o Outro pode ser tomado pela via do discurso, já que se encontra para além da representação de nós mesmos, e nos constitui enquanto seres de linguagem.

por Butler, já que a autora circula pelo campo da filosofia, buscando pensar o que é necessário para viabilizar um laço social ético.

Através disso que chamamos de “leitura” do campo social, Butler nos diz que para considerarmos o outro precisamos estar atentos ao conjunto de normas e discursos que envolvem os sujeitos. Nesse sentido, sugere uma ação por meio da crítica ao individualismo, sustentando a importância de o sujeito estar despossuído de si mesmo e dos padrões que o atravessam para criar um lugar próprio (Butler, 2015, [2015] 2021). Resumindo tal afirmativa: “Para construir uma história não basta uma sequência de fatos, mas trata-se da produção de tramas de significâncias, tramas de sentido” (Rosa, 2016, p. 62), ou seja, a filósofa nos mostra que só é possível a construção de um lugar próprio a partir do reconhecimento da incompletude, quando admitimos que a opacidade é fundamental para uma articulação de si mesmo com o enigma que é posto pelo outro (Butler, 2015).

Sublinhamos, neste momento, a importância de os socioeducadores estarem implicados na relação com os adolescentes, pois somente um laço dessa natureza pode vir a provocar a desnaturalização dos afetos, fazendo-os enxergar a dimensão do sofrimento sociopolítico do outro. Embora saibamos que a função de socioeducar inclui esta dimensão, observamos que, no dia a dia institucional, no calor dos acontecimentos, alguns detalhes dos laços passam despercebidos e, muitas vezes, nem são considerados.

Quando nos referimos à implicação na cena anterior, buscamos refletir a respeito da potência que há no gesto de ver e admitir a densidade subjetiva daquela lágrima. Ora, o gesto do socioeducador dá ao adolescente um lugar de sujeito que sofre e possui uma história, enxergando-o para além de um jovem que cumpre medida

socioeducativa. O trabalhador, como adulto e representante do Estado, naquele espaço, escuta os restos que Antônio deixa pelo caminho – daí a necessidade da escuta psicanalítica sobre a experiência singular de cada sujeito. Mesmo que o socioeducador desconheça sua atitude, o reconhecimento daquela lágrima tenta “impedir a transmissão do sofrimento, pela via do sintoma” social (Kehl, 2016, p. 9).

Quer dizer, o ato do socioeducador na direção do menino se torna um agente da desposseção para Butler, deixando-se afetar pelo trabalho não pela via das identificações cronificadas do ponto de vista individual, mas sim pelas identidades cristalizadas no laço social. Ao oferecer uma cena ética ao adolescente, o socioeducador cria uma abertura para que, através de sua intervenção, o sujeito possa perceber o lugar de exclusão que ocupa na vida social.

Arranjo de cenas: a escuta-*flânerie* e a ética da não violência

Para dar densidade às questões relacionadas à cena ética, trazemos uma das fontes teóricas que Butler percorre para pensar a ética da não violência e, assim, realizar sua crítica. Uma delas é a concepção de violência ética apresentada por Theodor Adorno. Para Adorno, a violência ética passa a existir quando um *éthos* coletivo se torna anacrônico (Adorno, 1993), isto é, quando um conjunto de hábitos e costumes de um grupo não está de acordo com a sua época, entretanto, optam em permanecer naquela posição, desconsiderando as vivências e experiências de um grupo, iniciando um processo de violência ética, pela via da imposição.

Para o filósofo, a violência ética é ancorada em uma espécie de auto-preservação que pode contribuir para o crescimento do narcisismo moral que “não só retira o individual do mundo como também destrói a base do envolvimento moral com o mundo” (Butler, 2015, p. 138). Portanto, introduzimos, nesta produção, a concepção de Adorno ao redor do tema da violência ética, inspiradas na capacidade polissêmica da psicanálise e na construção que a própria Butler adota quando propõe novos conceitos que nascem do diálogo com autores de outros campos.

Ora, a tentativa de compreender a formação da violência ética se dá pelo modo através do qual as individualidades tomam o *éthos* e como respondem aos questionamentos éticos acerca de suas constituições (Butler, 2015). Para isso, Butler se pergunta o que é o “eu” e como ele se vincula às normas e aos outros. Mediante o reconhecimento de um certo desconhecimento sobre si mesma e sobre os outros, a autora demonstra um deslocamento possível e experienciado na psicanálise, o fenômeno da transferência.

A posição de suposto saber está presente no conceito de transferência desdobrado por Lacan e se refere àquilo que é suposto pelo paciente, na direção do psicanalista. Isto é, o paciente supõe na figura do analista que este sabe a respeito do que lhe acomete e, especialmente, sobre seu inconsciente. Em *Estou falando com as paredes: conversas na capela de Saint-Anne*, Lacan afirma que “a questão do saber do psicanalista não é, em absoluto, de saber se isso se articula ou não, mas de saber em que lugar é preciso estar para sustentá-lo” (Lacan, [1971-1972] 2011, p. 36). A aproximação com as ideias de Butler aponta para o que acontece com a escuta em transferência, a possibilidade de o sujeito reconhecer-se como sujeito desejante e autor do seu desejo.

Sobre as condições para pensar uma posição ética e não violenta a respeito do relato de si, Butler diz:

O relato que faço de mim mesma é parcial, assombrado por algo para o qual não posso conceber uma história definitiva. Não posso explicar exatamente por que surge dessa maneira, e meus esforços de reconstrução narrativa são sempre submetidos à revisão. Há algo em mim e de mim do qual não posso dar um relato (Butler, 2015, p. 56).

Como mencionado anteriormente, está no cerne de sua filosofia a noção de uma dimensão de desposseção, aquilo que não está submetido ao nosso livre arbítrio. A partir da perspectiva ética, o juízo deve ser ocupado pelo desconhecimento do sujeito sobre si, localizando nesse campo uma ética centrada na alteridade. Ou seja, temos a alteridade como elemento fundamental para a condição de uma cena ética. Desse modo, a autora comenta sobre os lapsos do inconsciente, que se fazem presentes no ato de relatar a si mesmo, naquilo que escapa e que despossui o sujeito no momento de uma cena de interpelação.

É impossível fazer um relato de si mesmo fora da estrutura de interpelação, mesmo que o interpelado continue implícito e sem nome, anônimo, indefinido. A interpelação é que define o relato que se faz de si mesmo, e este só se completa quando é efetivamente extraído e expropriado do domínio daquilo que é meu. É somente na desposseção que posso fazer e faço um relato de mim mesma (Butler, 2015, p. 51-52).

A cena de interpelação, segundo a autora, faz-se presente nos momentos em que é possível identificar condições para que o

reconhecimento do desconhecido, daquele que está sendo interpe-lado e daquele que interpela, ganhem espaço, ou seja, que as amarras que se apresentam em transferência possam abrir brechas às novas traduções do relato singular de cada sujeito (Butler, 2015). É nessa direção que Butler destaca a importância desse lugar de interpelação e de narrativa em seu projeto ético. Ela comenta que “a capacidade narrativa é a précondição para fazermos um relato de nós mesmos e assumirmos a responsabilidade por nossas ações através desse meio” (Butler, 2015, p. 24).

Recentemente, no livro *Os sentidos do sujeito*, Butler (2021) referiu-se ao conceito de *cena de endereçamento presente nas relações humanas*. Consideramos interessante a construção da autora referente a este conceito mediante a interseção possível com a cena de interpelação já mencionada. A cena de endereçamento diz respeito às narrativas e ações singulares de cada sujeito que operam nos relatos de si, a partir do encontro entre o “eu” e o “outro”, ou seja, nos espaços de alteridade (Butler, 2021). Importa destacar que a noção de alteridade é central na teoria butleriana. Nas palavras da autora, “o endereçamento face a face a um ‘vocês’ carrega a capacidade de conceber certo reconhecimento, qual seja, o de incluir os outros na troca potencialmente recíproca do discurso” (Butler, 2021, p. 229). Isso quer dizer que, sem uma perspectiva de reconhecimento e endereçamento a um outro, o ser humano não consegue emergir.

Quando a autora explora essa noção, produz um encontro entre as cenas – de interpelação e endereçamento – criando uma espécie de arranjo conceitual e prático que possibilita a criação de uma cena ética. Ou seja, é necessário que a cena de endereçamento aconteça através de um “eu” mediante um “tu” que, consequentemente,

interpela e opera o reconhecimento do sujeito tendo como efeito uma cena ética:

[...] não podemos nos referir a nossa própria singularidade sem entender a forma como essa singularidade se torna implicada nas singularidades dos outros, em que, como veremos, essa implicação produz um modo de ser para além da singularidade em si (Butler, 2021, p. 91).

É pela via dessa costura de cenas da experiência dos sujeitos que Butler propõe uma ética de caráter crítico, assim como nós, que radicalmente nos colocamos a contrapelo do individualismo contemporâneo e entrelaçamos suas construções teóricas com a escuta-*flânerie* justamente por assumirmos esse caráter ético e político da escuta psicanalítica no campo social.

Através das articulações que realizamos entre a escuta-*flânerie*, a cena ética e o sofrimento sociopolítico, entendemos que se forjam novas formas de pensar as cenas do laço social atual. Associar as construções butlerianas com a escuta-*flânerie* é uma forma de abrir espaço para a possibilidade de que novos arranjos façam furo na experiência de sujeitos desassistidos do ponto de vista sociopolítico, criando maneiras possíveis de lidar com os conflitos associados ao não reconhecimento dessas vidas e de suas pluralidades silenciadas. Entendemos que as proposições éticas de Butler se referem a:

[...] uma ética que não apenas confessa o desejo de viver, como também reconhece que desejar a vida significa desejar a vida para você, um desejo que implica produzir as condições políticas de vida que permitirão alianças regeneradas que não têm forma final, em que o corpo e os corpos, em

sua precariedade e sem sua promessa, mesmo no que poderia chamar de sua ética, incitam-se uns aos outros a viver (Butler, 2021, p. 223).

Nessa direção, e pensando sobre os sujeitos da socioeducação, os trabalhadores e os adolescentes, perguntamos: quais são os corpos que importam para o laço social? Poderíamos pensar a escuta-*flânerie* como um modo de construir condições para uma cena de interpelação diante das barbáries cotidianas que vivem os sujeitos da socioeducação?

Em Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia, Butler comenta que

Só agimos quando somos levados a agir e somos movidos por alguma coisa que nos afeta vindo de fora, a partir de um outro lugar, das vidas dos outros, nos impondo um excesso a partir do qual – e sobre o qual – agimos (Butler, 2019, p. 116).

Isso se parece com o que temos construído a partir da transferência no âmbito da escuta-*flânerie*, bem como ao que Safatle (2018) sustenta a respeito do circuito dos afetos e dos atravessamentos políticos presentes nessa intervenção.

Para Butler (2015), o que possibilita a condição para a criação da cena ética é a noção de alteridade nas relações. Isso quer dizer que, para assumirmos uma posição desde a ética da não violência, precisamos, antes de tudo, arriscar o cruzamento das fronteiras das normas sociais preestabelecidas como um compromisso ético e político. A autora inquieta-se em como pensar as relações sociais e as normas apartadas das formas de subordinação. Nas palavras da filósofa:

Talvez seja ainda mais importante reconhecer que a ética requer que nos arrisquemos precisamente nos momentos de desconhecimento, quando aquilo que nos forma diverge do que está diante de nós, quando nossa disposição para nos desfazer em relação aos outros constitui nossa chance de nos tornarmos humanos (Butler, 2015, p. 171).

O relato de si é definido como algo que sempre se manifesta *a posteriori* porque, de forma semelhante aos fundamentos da psicanálise, o sujeito se constitui no campo do Outro. Logo, o relato e a própria narrativa apresentam um limite egóico e linguístico, pois, para escutar o outro, é necessário se despir do juízo, ou seja, deixar que o sujeito se apresente com a própria narrativa, fazendo falar aquilo que se encontra invisível e, muitas vezes, indizível.

Butler (2015) diz que o relato de si fracassa justamente por se apresentar de forma opaca; ela afirma que

[se] somos formados no contexto das relações que para nós se tornam parcialmente irrecuperáveis, então essa opacidade parece estar embutida na nossa formação e é consequência da nossa condição de seres formados em relações de dependência (Butler, 2015, p. 32).

Assim, ante as experiências, é importante oferecermos condições para a construção de uma narrativa, embora reconheçamos que esse ato nunca será completo, pois é “justamente em virtude da opacidade do sujeito para consigo que ele contrai e sustenta alguns de seus vínculos éticos mais importantes” (Butler, 2015, p. 32).

Com a psicanálise aprendemos acerca da importância em escutar os detalhes mínimos, sem julgar a experiência do sujeito, preocupando-nos apenas em deixar que o outro fale em nome próprio. Nessa direção, Butler sustenta que a ética da não violência, aquela presente no espaço da cena ética, origina-se no que ela chama de “fracasso ético”, isto é, em uma “tentativa de alcançar nossa identidade social” (Butler, 2015, p. 60) que é sempre falha. Portanto, ela acredita que a cena ética, calcada no conceito da não violência, pode produzir, por meio da responsabilidade com o outro, efeitos de politização, mediante uma singularidade que une e, consequentemente, constrói um corpo político. Se, como diz Judith Butler (2015), se trata de construir uma cena ética através da escuta do sujeito e de sua singularidade, a escuta-*flânerie* (Gurski, 2019b) parece contar com as condições necessárias a um dispositivo ético-político, justamente porque, ao estimular a narração de si, produz condições para que o sujeito encontre modos de se fazer representar desde seus próprios significantes, além, é claro, de criar condições de responsabilização acerca das possibilidades de transformação social.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Mínima moralia**. São Paulo: Ática, 1993.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. (org.). **Obras escolhidas III**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 103-150.

BETTS, Jaime. Desamparo e vulnerabilidade no laço social – a função do psicanalista. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 45-46, p. 9-19, jul. 2013/jun. 2014. Disponível em: https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista_45_46.pdf. Acesso em: 29 mar. 2023.

BUTLER, Judith. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. [Entrevista cedida a] Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 161-170, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/L8vVC5NzQ5n5gQz9WbY9WHk/?lang=pt>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução de Regina Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, [2005] 2015.

BUTLER, Judith. **Os sentidos do sujeito**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, [2015] 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [2015] 2019.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1921] 2012. p. 9-100.

GURSKI, Rose. A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico do encontro entre psicanálise e socioeducação. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro. v. 51, n. 2, p. 166-194, jul./dez. 2019a. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 29 mar. 2023.

GURSKI, Rose. La escena ética como efecto del encuentro entre el psicoanálisis, la socio-educación y la construcción de la escucha-flânerie. In: ZELMANOVICH, Perla; MINICELLI, Mercedes (coord.). **Resistidas e desafiadas**: las prácticas en las instituciones entre demandas, legalidades y discursos. Buenos Aires: Flacso, 2020.

GURSKI, Rose. Três tópicos para pensar a contrapelo o mal-estar na educação atual. *In*: VOLTOLINI, Rinaldo (org.). **Retratos do mal-estar contemporâneo na educação**. São Paulo: Escuta, 2014. p. 167-180.

GURSKI, Rose; SILVA, Stéphanie Strzykalski. A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção? **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, p. 72-98, jul./dez. 2018.

GURSKI, Rose. A escuta-flânerie como efeito do encontro entre psicanálise e socioeducação. *In*: GURSKI, Rose; PEREIRA, Marcelo (org.). **Quando a psicanálise escuta a socioeducação**. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2019b.

GURSKI, Rose. A escuta-flânerie. *In*: SEMINÁRIO AVANÇADO – PSICANÁLISE, FLÂNERIE, SONHOS E TEORIA CRÍTICA: A ONIROPOLÍTICA EM CONSTRUÇÃO, 2021, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo, 2021.

GURSKI, Rose. Jovens “infratores”, o rap e o poetar: deslizamentos da “Vida Nua” à “Vida Loka”. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 17, n. 3, p. 45-56, 2018. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/5573>. Acesso em: 29 mar. 2023.

KEHL, Maria Rita. Prefácio. *In*: ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2016. p. 7-12.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1958] 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1954-1955] 1985.

LACAN, Jacques. **Estou falando com as paredes: conversas na capela de Saint-Anne**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1971-1972] 2011.

PIRES, Luísa Puricelli; GURSKI, Rose. A construção da escuta-flânerie: uma pesquisa psicanalítica com socioeducadores. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 31, 2020.

ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2016.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.